POR VÁRIOS MOTIVOS — motivos diversos, variados, variáveis — Adachi estava tremendo, e eu segurava sua perna direita com a mão, hipnotizada. “Hipnotizada”? Nem pergunte. Como uma cigarra, a vibração vinha das profundezas do seu corpo.

Meus ouvidos ecoavam com o *tique-taque* do relógio na estante; com uma clareza perfeita, eu conseguia ver cada partícula de poeira no ar. Meus cinco sentidos estavam aguçados… e, mesmo assim, minha mente estava cheia de estática.

Agora que ela estava na minha casa, deveríamos estar planejando nossa viagem, e eu não conseguia lembrar exatamente como aquilo tinha se transformado nisto. Talvez o calor avassalador do verão tivesse desidratado meu bom senso.

Sabe, como uma piada.

Por acaso, estávamos jogando um joguinho chamado “vamos ver quem faz a outra corar mais com um beijo”. Naturalmente, quem corasse mais perdia. Beijar em um lugar “inusitado” valia mais pontos, e nós mesmas decidíamos a pontuação. Até agora, eu era a campeã invicta.

Meu prêmio: esse calor sufocante e nada mais.

E lá estava eu, encarando de perto a perna da Adachi, tentando decidir onde beijar em seguida. Nesse ponto, ela já estava corada até a sola dos pés. Por outro lado, eu não costumava olhar muito para os pés dos outros, então vai ver eles sempre eram vermelhos. Os dedos dos pés dela eram tão finos quanto o resto do corpo; por curiosidade, dei um toquinho em um, e todo o tornozelo se contraiu. Só então finalmente me ocorreu que talvez, só talvez, eu estivesse sendo uma valentona.

“O que você acha, Adachi?”

“Hã? Achar o quê?”

As orelhas dela pareciam asas de uma borboleta vermelha — quanta poesia. Tive uma ideia: eu podia beijar sua orelha. Mas será que orelhas contavam como um lugar “inusitado” para um beijo? Como o critério era por nossa conta, as regras desse jogo já tinham ido por água abaixo desde o começo.

Mas, contanto que o jogo em si fosse divertido, as regras não importavam; na verdade, se as regras sem sentido aumentassem a diversão, então era melhor aceitá-las de braços abertos. E sim, esse jogo era mesmo divertido — bem, “divertido” talvez não fosse a palavra certa. Viciante, talvez. Quando foi que tocar na Adachi passou a ter um significado tão profundo para mim?

Pelo jeito como os olhos dela ficavam se mexendo sem parar nos últimos trinta minutos, eu me perguntava se seu rosto não se cansava. No caso dela, aparentemente não. Vai ver ela acumulava um monte de energia extra sempre que eu não estava por perto.

“Hmmm…”

“S-s-sim…?”

“Você tá animada pra viagem?” Resolvi voltar ao assunto.

“A viagem…?” ela respondeu fraquinho, como um balão murcho, lembrando os velhos tempos do ensino médio. “S-sim… acho que sim.”

Ela ergueu o queixo como se estivesse lutando para não se afogar, engasgando a melhor resposta que conseguiu. Pelo visto, o ar lá no segundo andar não estava dando conta. Olhei para seu lábio inferior e para a língua que às vezes escapava discretamente por trás dele.

“Eu também tô animada. A gente vai embarcar numa jornada juntas! Uma jornada. Soa bonito, né?”

“Ahm… mais importante, Shimamura…”

“Shimamura na linha,” respondi com minha voz de telefone.

Tudo isso era uma grande bobagem, mas resolvi culpar a estação. Esse era simplesmente o jeito que alguns verões aconteciam. Claro, o calor e as cigarras

pareciam os mesmos, mas a cada ano — mesmo que eu fizesse as mesmas coisas com a mesma pessoa de sempre — o verão sempre trazia algo novo.

“Deixa pra lá…” disse Adachi, enquanto nos olhávamos. Sua voz afundou até o fundo do poço, como raspadinha derretendo e se misturando com o doce do xarope.

“Tudo bem. Acho que sei o que você ia dizer.”

“Sério? Conseguiu perceber?”

“Claro!” *Mentira*. Se eu lesse mentes, minha vida seria bem sem graça.

Ela levou as mãos às bochechas coradas, cheias de amor, e arregalou os olhos, como se o fato de eu saber fosse um problema em si. Ela tinha se acalmado bastante com a vida adulta, mas, de perto, deixava sua versão antiga aparecer. Essa era sua característica mais nobre.

“Nobre”? Eu tinha essa mania de complicar tudo quando “fofa” já bastava.

No timing perfeito, justo quando o zumbido das cigarras começou a se dissipar, uma onda de memórias veio à tona — tão forte e repentina que ameaçou me derrubar de joelhos. Tremendo com o frio nos pés molhados, apertei os olhos para encarar o mar à minha frente. As estrelas distantes projetavam, cada uma, uma lembrança diferente de verão sobre o oceano escuro. Mas eu não podia nadar até elas — o passado estava longe demais. Só me restava ficar ali na areia e olhar para trás.

“Sh-Shimamura?”

Enquanto eu permanecia ajoelhada, imóvel, ainda segurando firme a perna dela, Adachi parecia cada vez mais confusa. Provavelmente nem fazia ideia de que, entre nós duas, eu era a sentimental e ela, a sensível.

Adachi. Memórias antigas. Quando eu tentava olhar para as duas ao mesmo tempo, meus olhos se cruzavam, e tudo o que eu via eram dezenas de Adachis fragmentadas. Então levantei uma mão sobre a cabeça dela e fiz uma prece para que este momento também, um dia, se unisse ao mar. “Desejo o melhor pra você.”

“Hã… uhhh… o quê?”

Neh heh heh heh heh heh!

Adachi e Shimamura, vinte e dois anos. Finalmente tínhamos idade suficiente para dar nossos primeiros grandes passos numa jornada de verdade.